



Assentamento Rio Paraíso: Família e compadrio, redes de solidariedade

Maria da Conceição Quinteiro

Introdução

Este trabalho é parte de um maior compreendido em um estudo qualitativo, cujo objetivo foi o de avaliar e apreender a experiência subjetiva e a vivência dos trabalhadores assentados no processo de reforma agrária . O assentamento em pauta é o Rio Paraíso, no município de Jataí, sudoeste de Goiás. Em cinco assentamentos foram realizados estudos de caso e a pesquisa qualitativa constou de narrativas sobre o modo como os assentados, enquanto protagonistas da reforma, vivenciaram as adversidades e suas soluções e como se ressocializaram ao novo modo de vida de agricultor familiar proprietário da terra (1). Nesta nova circunstância são reforçadas

a visão familística do mundo, as relações de vizinhança e as concepções tradicionais de compadrio, independentemente da diversidade de trajetórias de cada família assentada.

Por isso nas manifestações da sociabilidade são combinados vestígios que denotam traços de organizações e situações sociais de outros momentos históricos com o do momento atual, porque estão associadas permanências do passado com as novas maneiras de organizar as sociabilidades. Em Rio Paraíso a sociabilidade é determinada por um amplo arco de diversidades econômicas, sociais e culturais que abrangem, tanto as ações resultantes do mercado e do dinamismo técnico, como a modalidade de batismo na fogueira, a “rédea curta” na educação dos filhos e a forte valorização da amizade.

A sociabilidade lá tem num dos seus substratos o modo como os protagonistas percebem e vivenciam a sua nova condição: “a imbricação entre a terra para trabalhar e a casa para morar, garantia de enraizamento num modo de ser, pertencer e preservar e, ou, resgatar relações sociais tradicionais”(2). “Pedra que rola não cria limbo”, no dizer dos assentados. Todos os assentados buscaram ao longo de suas vidas um chão “apossado” para fincar raízes e para gerir suas vidas como bem lhes aprouvesse. E o trabalho na terra requer, de fato, raízes que simbolizam tanto a necessária identificação com o trato da terra, de que falam os assentados, como a persistência nos propósitos de consolidar a condição de agricultor familiar e o seu peculiar modo de vida .

“É a beira desse córrego, bem em riba. A Ponte que era... Hoje não tem essa ponte lá mais. Aí eles apsseou lá, esse menino meu aí veio também, apsseou, junto com mais o pai dele, debaixo de uma...”. Apossear é chegar, ficar...,é ,ficar quieto lá ,é apsseou....(dona Maria)

Os assentados são conhecedores de muitas atividades e de outros modos de vida. Parece que eram provisórios na suas vidas devido às andanças pelas fazendas, na venda de seu trabalho, seja nas lides com o gado, com os grãos, com a subsistência.

Eram trabalhadores rurais sem eira nem beira, alguns da agricultura familiar, como meeiros, agregados, parceiros ou até pequenos sitiantes de subsistência.

O assentamento

O assentamento, após a sua legalização, a subsequente demarcação dos “lotes” foi organizada em quatro núcleos comunitários, em cada qual, foram construídos um salão de uso coletivo, para realização de festas, reuniões, bailes, cursos etc.: Santo Amaro, Nossa Senhora Aparecida, Santa Luzia e Divino Pai Eterno (ou Fundão).

No núcleo Santa Luzia encontram-se os equipamentos coletivos, como a sede da Associação dos Pequenos Produtores Rurais: um imenso salão, que pode ser usado para reuniões, cursos, palestras, festas etc.; uma escola de 1º grau, a Agência Rural (ex-Emater), posto telefônico público, posto médico, dentário, campo de futebol, mercadinho, igreja Católica, igreja Assembléia de Deus, mercearia, açougue e a sede da cooperativa com as instalações para as matrizes suínas, refrigerador de leite, o triturador de ração e botijão de sêmen bovino .

O assentamento é servido por energia elétrica, poços artesianos e por um ônibus de circulação interna.

A Associação por intermédio de seus diretores faz a articulação entre as reivindicações do assentamento e os órgãos governamentais e não governamentais. A agrônoma da Agência Rural, que reside no assentamento, além da prestação de assistência técnica, também colabora nas negociações com o Banco do Brasil para a obtenção dos financiamentos e com outros órgãos visando à organização de cursos e palestras. Estes são geralmente decididos entre a Associação, os assentados, a Agência Rural e a cooperativa. No assentamento todos os assentados se identificam com a necessidade de ter um “chão” para trabalhar e viver. Todos tiveram do projeto de reforma agrária as mesmas oportunidades iniciais. Todos iniciaram a luta, prévia ao assentamento, metaforicamente nus. No entanto, no transcorrer da experiência da reforma agrária, aquela igualdade inicial distinguir-se-á de acordo com os aportes econômicos, sociais e técnicos que cada família adquirir, assim como a capacidade de ressocialização ao novo modo de vida. Estas

circunstâncias farão a distinção social entre as famílias assentadas no projeto de reforma agrária .

As festas

No centro da comunidade Santa Luzia existe uma área reservada para essa finalidade quando da divisão das terras pelo Incra, ponto de convergência de todos os assentados e é palco das festas e eventos gerais. A alegria, o lúdico, o riso são componentes importantes da sociabilidade em Rio Paraíso. Todos os moradores estão envolvidos, uns mais outros menos, com as organizações das inúmeras festas que são realizadas ao longo do ano pelos temas dos concursos que a escola local promove: teatro, dança, poesia, piadas, paródias, música etc.

As festas que formam a sociabilidade do assentamento são lúdicas, religiosas e familiares. O lazer coletivo é organizado pela Associação, pela escola, pelas igrejas e pelos assentados e consiste de festas comemorativas, como as juninas, para angariar fundos e para a simples confraternização entre vizinhos, amigos e familiares. Cada comunidade, organiza as próprias festas, tanto as particulares, tais como os churrascos, os bailes, os jogos, como as da coletividade por ocasião das comemorações dos santos padroeiros que se realizam, num determinado mês.

“Aqui tem o jogo do balãozinho, que é uma tradição lá do sul. Os gaúchos que vieram para cá trouxeram o balãozinho. Aí tem uma vez por mês. Tem aqui e lá na comunidade do Fundão”.

“Aqui é Santa Luzia”

“Então, aí nós se reúne lá uma vez por mês para jogar o balãozinho”.

O que é, é bocha?

“É uma mesinha quadrada assim de madeira, e umas garrafinhas de madeira em cima, nove. Aí tem um fio amarrado assim e uma bola na ponta. Aí você vai de uma distância da mesa, como daqui ali, e solta a bola, faz a volta sem derrubar, e aí você faz os pontos. É quase como boliche. Aí todo mundo vai. Aí tem churrasco, aí

tem a missa, depois almoça. Aí, à tarde, quase sempre tem baile, tem reunião dançante que nem fala lá no sul, matinê. Então, a gente sempre se diverte, tem lazer” (D. Rose)

Cada comunidade escolhe uma comissão organizadora para os eventos. Os outros meses ficam por conta da Associação, calendário que será preenchido pelas festas juninas, as da escola etc. As outras denominações religiosas, Assembléia de Deus e Associação Cristã do Brasil, fazem seus encontros específicos. A escola municipal do Rio Paraíso, de 1º grau (da 1ª à 8ª séries) realiza festas para arrecadar fundos destinados basicamente para as despesas com os preparativos para os concursos dos alunos.

“as professoras mesmo que criam a peça. As professoras criam a peça. Ensinam as crianças. Aí põem as crianças no ônibus e vai na cidade. Poesia também? Mas, tem é teatro, dança, poesia, piada, paródia, música.. Ah! E tem verso de rodeio! A escola ganhou todos os prêmios! A escola daqui é muito bem conceituada. O cantor, quem ganhou, foi o filho da dona Odete. Tudo ganha” (D. Eva)

Sociabilidade na família

Em Rio Paraíso as famílias contam, tanto na contigüidade, (esta cresceu nos últimos tempos a partir da “compra” de parcelas dos que desistiram do assentamento), como nas cidades próximas, com uma rede de apoio social: primos, irmãos, pais, filhos casados, além da vizinhança, dos amigos e dos compadres. Parece que uma família só não faz verão.

A organização da família em Rio Paraíso caracteriza-se pelo trabalho familiar em casa e na roça e a complementaridade no que concerne à relação entre os cônjuges e, destes, com os filhos. A distribuição da autoridade e da responsabilidade depende do espaço aonde ela se efetua, no doméstico ou no público, a mesma que se observa para a sociedade brasileira, salvo em alguns segmentos sociais. No doméstico, o espaço é considerado por excelência feminino. A autoridade e a responsabilidade ficam concentradas na figura da mãe, tanto na organização da casa, no gerenciamento dos gastos e da alimentação, no cuidado com o terreiro e com os pequenos animais, como no contato mais próximo com os

filhos e na manifestação das emoções. No espaço público, geralmente de predominância masculina, em Rio Paraíso observa-se porém que as mulheres estão cada vez mais participando dele, não só no mundo do trabalho, como no lazer, juntamente com seus maridos, pais, irmãos e filhos. Na esfera do trabalho, os filhos participam das atividades agropecuárias e das caseiras, sobretudo no período das colheitas.

"A gente tem uma grande maioria muito responsável, muito trabalhadora (...) Ajudam na lavoura, dentro de casa (...) sejam meninas ou meninos. Eu até..., a gente fala muito porque hoje tá muito feia a coisa aí fora, ninguém mais quer nada, só aproveitar. Nós termos aí alguns que são mais sossegados do que os outros, mas existe a maior parte deles que já estão voltados (...) Ensinam e eles gostam. Eles têm a responsabilidade (...) É que eu cabulo como alguns aí. São espetaculares. O pai pode ficar sossegado, e deixar por conta deles que eles plantam, que eles colhem" (D. Vilma)

"Não, se precisar ajuda todos iguais, né? Quando que nem... é..., tava costurando os sacos de milho, né? Eu com a minha menina... é..., com a outra, né?. A gente ficou lá trabalhando, ela ficava cuidando da casa. Ela tava aqui, já. Só que ela ficava fazendo o almoço, porque daí tinha mais gente, né? Tinha o colhedor, tinha o outro menino que tava ajudando, né? Pra ensacar o milho, né? O vizinho, aí ele ficava fazendo o serviço da casa e a gente ia pra roça, né? Quando precisa ajudar lá fora, ajuda. Quando precisa, menino ajudar aqui dentro, ele também ajuda, né?"(dona Eva)

Nota-se que lá no assentamento a mulher não é mais o lado passivo e submisso da relação de gênero, opina, cuida dos negócios, participa das decisões. Algo semelhante foi observado entre os "caipiras" paulistas. (3)

A complementaridade entre homens e mulheres orienta a distribuição das tarefas da autoridade e das responsabilidades. Porém, esta maneira de organização do viver em família tem muito mais a ver com a visão dos assentados de que essas divisões são feitas de

acordo com “a natureza” das pessoas, do que com subordinação da mulher a uma ordem masculina de dominação .

Para uma corrente da teoria feminista, este tipo de orientação denota desigualdade de gênero, uma vez que as partilhas na organização doméstica são diferenciadas de acordo com o sexo de cada participante. Mas para uma vertente dessa teoria, na relação entre homens e mulheres, no âmbito da família, a igualdade entre homens e mulheres não pode ser avaliada por parâmetros baseados nas similitudes e em indicadores quantitativos, porque as diferenças de gênero e idiosincrasias pessoais devem ser contempladas.(4) Em Rio Paraíso, as diferenças e habilidades são respeitadas e cada qual participa da vida familiar e ocupacional de acordo com a "própria natureza". Como eles dizem: cada um no seu melhor jeito, na sua aptidão etc.

"Não, a gente tem um diálogo muito bom. Eu cuido dos negócios e ele trabalha fora e tudo que a gente vai fazer, a gente conversa. Ele me dá carta branca para mim fazer e cuidar de tudo, não tem um manda mais, um manda menos. Eu acho que é uma questão de visão dos negócios" (D. Rose)

“Não é mesmo, você sabe onde tá tudo, você que cuida de tudo, né? Agora no sentido de mandar, de dar, assim, não vou dizer de dar as ordem não, porque nós não vivemos mais nessa época, né? Mas as decisões, as decisões mais importantes, eu no meu modo de pensar, eu acho assim, que tem que ser em conjunto(...).

Não, a gente conversa em todo o sentido aqui em casa. Graças a Deus, o diálogo aqui é muito bom, né? Então, através disso que a gente convive bem, entre, vamos supor, entre sogro e nora, porque aqui nós vivemos com nossos filhos sempre junto. Então, a nossa convivência aqui é muito boa, nós num temos que reclamar deles, nem eles da gente". (D. Rosilda)

Chama a atenção que nas famílias o que importa é a conversação entre cônjuges, e destes com os filhos, para orientar a convivência familiar. Dizem que com a formação do grupo de jovens e a secretaria das Mulheres, o relacionamento familiar, em geral, tornou-se mais compatível com as necessidades de entendimento entre eles e as necessidades da vida

contemporânea. Na distribuição das responsabilidades, ainda é a mãe a responsável direta pela educação dos filhos. O pai se faz respeitar mesmo longe dos olhos do cônjuge e filhos. A autoridade paterna é claramente observada por todos: homens, mulheres, jovens e crianças.

“É, mas a gente conversa muito, a gente conversa muito, né? Sobre se são decisões de negócio, né? A gente sempre, conversa sobre a educação dos filhos, também. Tudo a gente tem diálogo. Mas o que prevalece mais é dele, porque pela natureza dele ser mais arrojada, né? Ele que é mais decidido mesmo, né?”(D. Eva)

“E a gente tem assim essa liberdade com os pais, de sair, de se divertir, tem caso aqui da gente, às vezes, sai com os pais pra ir na festa. Outra hora a gente vai só, nosso grupo, inclusive, depois que iniciou, a gente tem desenvolvido muito a consciência dos pais de tá dando mais essa liberdade pros filhos, inclusive a gente tá aí com a, estamos buscando até uma viagem - bem próxima né Ismênia? -, pra gente passar um fim de semana junto fora. E se a gente tem total apoio dos pais, é devido a essa confiança que eu acho que... Hoje em dia pra namorar, pra ficar aqui, o pai hoje em dia confia muito na moça. Às vezes, aqui, o jovem rural tem muito mais confiança dos pais do que o jovem da cidade.”(grupo de jovens)

Quanto à educação dos filhos, os assentados partem do princípio de que uma boa orientação e um bom exemplo dos pais e dos mais velhos são primordiais para a formação do caráter dos jovens e para o aprendizado da convivência social.

Quando estão em casa, nas horas de folga, a contagem dos “causos” é prática corrente, principalmente entre os goianos. Estas histórias das experiências dos mais velhos, história oral de cada um, são consideradas um recurso pedagógico para os ensinamentos aos infantes. Pois, conforme D. Rosilda, os “causos” dos mais velhos, sempre passam um bom exemplo para as crianças e para os jovens.

Partem da concepção de que a família é a responsável pela boa socialização da criança, pela aprendizagem de conceitos emocionais, valores e atitudes. Esta visão quanto à educação dos filhos coincide com o que parece ser o mais pertinente para a formação das novas gerações no sentido da aquisição de responsabilidades, no respeito a outrem, no saber

situar-se no mundo, compartilhado por muitos outros. Os jovens, ao contrário das crianças, já capazes de escolha, de abstração, de compreensão das normas, quando olham o seu futuro, os seus sonhos, em geral voltam-se primeiro para si, para o próprio futuro no assentamento. Este, talvez, dependa muito mais dos estímulos dos pais para que assumam no seu aprendizado a necessidade de identificação com a terra. Mas isto é insuficiente. São necessários os recursos econômicos que junto com a predisposição para isso, são a alavanca para a continuidade de boa parte dos jovens no assentamento.

Nos escritos das crianças sobre o que querem ser quando crescerem, revelam o quanto a educação recebida dos seus pais e dos adultos com quem convivem, os “outros de referência”, está voltada para o respeito, o cuidado com outrem e com a natureza. O menino Andersom de cinco anos, que gosta de brincar de “caminhãozinho” e espera o pica-pau, “a avezinha que está no céu” para lhe dar comida”*ele vem lá de cima e dou comida, ele vem, ele voa..*”.

*“Eu quero ser sapateiro por que é uma profissão muito boa por isso, e daí eu vou aprender a colocar prego na sola, nos couros para fazer, mas eu queria que os couros não fosse de animais se não as raças dos animais acabavam e a gente não escutava os cantos de cada animal e as belezas dos animais Tem algum dos animais em estição, se vê que tão judiando dos animais tem que denunciar no Imbama, mas quando eu for sapateiro só vou fazer bota de couro de vaca e de boi.
(Diego, 9 anos, 3ª série)*

"Quando eu crescer eu vou ser um goleiro pra mim ganhar muito dinheiro. Esse sonho, esse dinheiro que vou conseguir como goleiro eu vou ajudar pessoas doente e carente e se sobrar dinheiro eu vou comprar uma fazenda com muito touro e vacas. Essas vacas eu vou tirar muito leite e dar um pouco de leite para as pessoas pobres, doente e carente.

Eu ajudo muito meu pai na roça e em casa e não gosto no nosso meio pessoas bêbadas e ruim. Eu gosto de pessoas boas que ajudam uns aos outros. Tomara que deus me ajude. Também quero ser bem feliz e minha família forte e cheia de saúde, agradesso a deus por essa vida boa “ (Mateus – 9 anos – 3 série)

Em geral, em Rio Paraíso, a educação dos filhos prima pela "rédea curta", pelo diálogo, pelo ensino das responsabilidades sociais. Aos infantes também é ensinado a persistência e a disciplina da ética do trabalho, o respeito ao ritmo do tempo das coisas, pois na agricultura familiar a imediatividade é a ruína desse modo de vida. Quaisquer trabalhos têm os próprios tempos de maturação: o do plantio, o da colheita, o da formatura na escola, nascimento dos dentinhos das crianças etc. O sr. Nardo ilustra este respeito ao tempo das maturações contra o imediatismo, requisito para o saber viver, desta maneira: “pedra que rola não cria lodo” O discurso da D. Rosilda ilustra de maneira cabal e brilhante essa concepção e conseqüente prática :

“Não, eu tinha a ‘rédea curta’ com os filhos. É tanto que nossos filhos é muito obediente até hoje, e num desencaminhou nenhum. Eu acho que, eu acredito que, eu não sei, cada um tem sua maneira de agir com os filhos, mas nós, na nossa família, toda vida teve muito diálogo, Tudo criamos os filhos mais ou menos na mesma época, né? Foi crescendo, casando e já criando os filhos, tudo junto que, inclusive, essa que tá aqui no quarto é minha irmã. Mas simples quer dizer pobre, tudo, mas todos têm boas amizades, têm bons conhecimentos, assim, sabe conversar com as pessoas e tem um relacionamento bom”.

Mas, a senhora fala, bons conhecimentos? Teve escola, escolaridade?

“Não, é mais conhecimento de vida, na parte de diálogo, de conversar, de se explicar as coisas, né? Ensinar eles a moda antiga, como que era, como que deve ser, né? Então conhecimento mais na prática, de vida, na prática através do diálogo, que meu pai era um avô que sentava com os netos e ensinava a vida, entendeu? Meu pai era uma pessoa muito boa pra diálogo, então, os netos tudo adorava ele por isso Ele gostava assim de contar aqueles casos antigo como que era, né? Da vida daquelas pessoa que era bom pagador, o que não era. Então, ensinando os netos como ser um bom pai de família.

E dando exemplo desde as vidas antigas, né? Então, quer dizer, a gente teve uma ajuda na educação dos nossos filhos muito grande dos nossos pais, tanto do meu pai quanto da minha mãe sobre essas coisas, sobre mesmo conhecimento de vida,

né? Ali no dia-a-dia, né? Então isso aí foi muito bom, todos os netos contam com esses casos que meu pai contava pra eles, né? Então, isso aí foi uma experiência de vida que eles adquiriam desde criança, através de conversa com o avô, né?

É. Outro dia ainda vi uma reportagem na televisão sobre isso, e lembrando da minha época, né? Porque, os filhos que os pais deixando e fazendo todas as vontades, a vontade cê sabe, ela não tem limite. Aí quando ele cresce, que fica adulto, o que vai acontecer. Aí ele quer aquilo que é impossível, e a hora que aquilo não acontece, aí ele vai partir pras coisas erradas, pra ver se adquire aquilo, com mais rapidez, não é? E o pobre que é criado na 'rédea curta', por exemplo, eu quero, vamos dizer, um picolé, não meu filho hoje não pode, agora a mamãe não tem o dinheiro, ou o pai, num é, seu pai hoje num pode comprar. Ele vai continuar aprendendo aos poucos. Hoje pode, pode, amanhã num pode, num pode. Então, quer dizer, quando ele ficar adulto, ele também vai ser uma pessoa que ele vai ter os sonhos da vida dele, mas ele não vai querer tudo de uma vez, porque nós só adquirimos as coisas é aos poucos. Todos, e qualquer um de nós, que for querer adquirir as coisas tudo de uma vez, ela tem que ser da maneira errada pra vim, não é? Porque você não adquire uma riqueza de um dia pro outro, você num adquire uma formatura de um dia pro outro, num é mesmo? Que hoje em dia, Maria, nós tamos sabendo aí de médico que finge que é médico e não é, compra um diploma, pra quê? Pra adquirir com rapidez ser um médico famoso, e no entanto tá fazendo as pessoas de besta. Isso aí, tá cheinho o mundo disso, né? Então, aquela pessoa que é educada através do diálogo e de 'rédea curta', quando ele se torna um adulto, ele pode adquirir as coisas, mas ele vai saber que tem que ser ali oh, trabalhando, economizando e procurando adquirir as coisas de pouco, né? Com amor e dando valor àquilo que ele tá adquirindo, valorizando todos os dias de seu trabalho, né? De tudo. Então, a pessoa que tem tudo assim liberdade, ele nunca vai saber adquirir as coisas, ele não vai sabe esperar a hora certa, não é mesmo? Eu acho que é assim" (D. Rosilda)

Os pais dos jovens do assentamento não tiveram com seus pais a liberdade na manifestação das emoções, nas conversas sobre assuntos antes considerados tabús, como os

relacionados às questões sexuais como a que existe hoje, principalmente a partir da formação dos grupos de jovens e o das mulheres. Mas tal descontração não atenua o respeito e a obediência dos jovens para com os mais velhos, nem afrouxa a maneira de namorar que é baseada nos moldes, digamos, tradicionais, se confrontada ao "ficar" dos grandes centros urbanos. As famílias do Rio Paraíso são "conservadoras" comparadas a muitas famílias urbanas que autorizam e orientam filhas e filhos para o relacionamento afetivo sexual em suas próprias casas. Isto lá, com certeza, seria um sacrilégio. Aqui, em Rio Paraíso, enfatiza-se a proteção às filhas e a preocupação com o seu casamento. Aos filhos, como são homens, as preocupações com o seu recato é branda, o que mais importa é a sua carreira e o seu trabalho. Esta preocupação denota resquícios da visão mediterrânea, na qual o decoro feminino é a medida da honra masculina e da família.

“ Com os filhos homens a preocupação já é menor, porque o filho homem é o seguinte: às vezes, ele escolhe. Não, já que ele quer seguir aquela carreira, então ela não preocupa em saber. Agora, já a filha mulher, parece que a gente como mãe tem mais ciúme delas. Assim, num quer que elas sofram, né? Então, a gente acha que elas casando, tendo um esposo, um marido, um lar, ela não vai sofrer tanto. Acho que o pensamento da gente é esse, mas nem sempre é verdade, nem sempre dá certo”. (D. Rosilda).

“..... parece que a gente tem aquela obrigação dos antigos, que era criar seus filhos, e encaminhar pro casamento, né? Que as filhas, estando casada, ela tá amparada, entendeu? Então, aquilo, as mães têm aquilo como um amparo. Você viu dona Odete falando: ‘já casei minhas filhas, graças a Deus, tal né?’ Então, é o seguinte, casou as filhas da gente”(...)(D. Cecília)

As redes de solidariedades: as ajudas e o compadrio

Os estudos de caso das décadas de 40, 50 e 60, com sitiantes protagonistas da cultura caipira, mostraram que nos modos de vida permeados por formas tradicionais de sociabilidades, o sistema de ajudas implicava numa ampla rede de relações solidárias, os quais garantiam ao grupo de vizinhança a sua unidade estrutural e funcional. Em Rio Paraíso acontece algo semelhante. A surpreendente rede de solidariedades ali desenvolvida desde o início da luta, o acampamento, mantém a coesão social e a continuidade dessa comunidade.

No passado, antes do assentamento, o mutirão foi a prática de ajuda das mais difundidas, previamente planejada, terminava com danças e grande comilança oferecida por quem recebia a ajuda. Em Rio Paraíso o mutirão não existe. Os parceiros pagam parte das ajudas, que na verdade são serviços que os vizinhos prestam, um meio de aumentar o orçamento doméstico. No entanto, esses serviços pagos, seja o transporte, seja o uso do trator, da colhedeira etc., são considerados ajuda, pois do contrário teriam de procurá-los fora do assentamento. Também recorrem a figuras “modernas” para solicitar ajuda, como a agrônoma da Emater, a Associação dos Pequenos Produtores, a cooperativa, o médico, o dentista, a professora, todos podem ser encontrados no próprio assentamento.

Há as ajudas não pagas. A maioria entre vizinhos, amigos e familiares são corriqueiras e consistem nos favores, nas atenções para com os outros. Ou seja, socorrem-se uns aos outros pontualmente quando a ajuda é solicitada. Mas não é de todo descartado o auxílio programado entre familiares e compadres.

“Não muito, porque alguma ajuda ocorre, mas na maioria são individuais. Por exemplo, aqui dentro do assentamento tem, acho que, em torno de uns 60 tratores, em umas quase 20 colhedeiros, aí você presta serviço para o outro e ele paga em dinheiro” (Sr. Erasmo)

“Eles que têm uma máquina, têm um carro, têm um “trem” que pode socorrer nós que num tem. Socorrem. Nem que não se pague na hora. Se não tem dinheiro, depois você paga. O Albano mesmo, ele já me socorreu muitas vezes, só em troca do petróleo(...)”.(D.Maria)

"Pra mim, é um dos melhores lugares, é porque uns se ajudam os outros. Eu mesma nunca tive uma máquina. Quando eu entrei pra cá, falei: 'ai meus Deus do céu, entramos com a cara e a coragem'. , mas aí a gente vai fazendo amizade com um e com o outro, mostrando seu empenho de trabalhar, faz um favor aqui, o outro faz outro aqui, e até hoje eu estou vivendo Graças a Deus. Até que tenho uma rendazinha razoável, já dá minha sustentação. Totalmente diferente da época que eu entrei, mas sempre tive ajudando meus vizinho, e meus vizinhos me ajudando. Só que tem uma hora também que o vizinho não pode fazer pra você, que ele não tem condições. É que nem eu, também, tem horas que eu vou ver meu vizinho pelejando lá com um pedaço de terra, pra plantar lá, e eu não consigo fazer pra ele porque eu tenho que acudir o meu, então é, né?". (D. Vilma)

"Uai! Aqui Maria, no meu modo de entender, eu acho assim, que aqui a gente vive porque você já tem andado bastante, que você viu que aqui é grande, bem grande, né? Apesar de aqui ser muito grande, que aqui dá uns 20 Km a mais dentro só do assentamento, mas a gente tá sempre se vendo. Não sei se é porque a gente mora aqui tudo em uma comunidade que a gente se sente também assim, uma responsabilidade de ser amigo uns dos outros A gente acha assim, que a gente tem obrigação de ser amigo uns dos outros. Por que? Porque nós vivemos aqui num lugarejo, né? Vamos dizer assim, e todos nós aqui desse lugarejo. Vamos supor, se um vizinho meu daqui me procura pra mim avaliar ele lá na cidade, pra ele comprar, vamos supor, uma geladeira, um armário, seja o que for. Se eu servir, eu já sinto assim, que eu to sendo útil pra ele. Eu me sinto bem, acho que aquilo é uma obrigação minha, e assim por diante. A gente se encontra, tá sempre tendo bom relacionamento, às vezes, tem uma pessoa daqui de dentro que faz dias que eu não vejo, eu vejo ele lá na cidade, eu tiro um tempinho pra parar, conversar um pouquinho. Por que? Ela é minha amiga e é daqui do meu lugar, né? Então, a convivência da gente daqui é muito bonita, parece que todos já se acham, assim, tem uma obrigação de ser amigo um do outro, né? Apesar da gente morar longe, às vezes, passa dias sem se ver, né? Mas a gente se sente assim que é do mesmo lugar, né?". (D. Rosilda)

O que merece destaque em Rio Paraíso, no âmbito das solidariedades, é a forte religiosidade como desencadeadora da formação e ampliação das redes de solidariedade através de várias maneiras de batismo. Lá, há uma extensa rede de compadres que extrapola, inclusive, as fronteiras do assentamento. O que importa nessa rede são muito mais os laços e os compromissos entre os compadres do que com os afilhados. Lá, o batismo, como nas comunidades tradicionais, é o reconhecimento social do recém-nascido e, a partir deste, os laços sociais que este evento desencadeia, isto é, a permanência e continuidade desta forma de sociabilidade, reforço das amizades, coesão social, portanto reciprocidades nas várias situações.

Esse compadrio realiza-se da maneira sacramentada como o batismo que obedece aos cânones da igreja e ao batismo folclórico, realizado por ocasião das festas religiosas. Uma dessas modalidades é o batismo na fogueira, também observado por Fukui, em Santa Brígida, além do batismo de sexta-feira da Paixão, das velas, dos santos etc. (5)

Em “Os Parceiros do Rio Bonito”, Antonio Cândido distingue o compadresco, a escolha dos compadres conforme a afinidade espiritual dos compadres, e o compadrio, que é a sua expressão social e o que ele simboliza na rede de solidariedades. Em Rio Paraíso, os padrinhos são escolhidos pelo critério da afinidade espiritual principalmente, mas também como meio de ampliação das amizades sem necessariamente aquela afinidade. Assim, a valorização atribuída ao compadrio, em última instância é porque esta modalidade de sociabilidade propicia a “criação de uma comunidade” de laços profundos de amizade e o de “socorrer o vizinho ou amigo precisado de assistência”. A possibilidade de reforçar os laços de amizade entre os compadres parece ser o principal critério para a escolha dos padrinhos, para qualquer modalidade de batismo.

O fortalecimento desta rede de solidariedades é extensa e ampliada tantas vezes quanto as pessoas o desejarem, pois o batismo na fogueira permite essa flexibilidade. Em Rio Paraíso há também o batismo em casa para evitar que a criança morra pagã até que ocorra o batismo na igreja.

"Maria, esse problema de compadre é uma coisa muito séria. Então, se eu tenho filho e peço: 'Maria! Vem batizar meu filho pra mim', é porque eu tenho alguma responsabilidade pela senhora. Eu acho que isso é uma coisa que tem que ser desse jeito, né? Eu acho que, eu mais a Coraci, graças a Deus, nós temos muita amizade.

Nasceu um menino lá: 'ô Nardo,. quero que você vai batizar Eu acho que a gente nunca pode negar um batizazado, porque é uma luz que dá pra criança né Maria? Então nós nunca recusamos...

Isso aumenta a comunidade, cresce a comunidade....e se a gente fica sabendo que um compadre da gente tá em dificuldade, a gente já faz aquela força de ir: 'olha o compadre está passando por isso, ou por uma doença, ou problema financeiro'. Para tudo a gente tá...O pessoal achava a gente com competência para batizar os filhos, a gente tem que ficar entusiasmado. " (D. Coraci e Sr. Nardo)

“O batismo em casa que a gente quer dizer é quando o nenê recém-nascido, ele é batizado em casa pra até fazer os preparativos pra então batizar na igreja, né? Agora, já o batismo de fogueira, ele é um batismo que tanto ele pode já ter sido batizado em casa, pode ter sido batizado na igreja, que pode batizar também na fogueira, isso já é uma tradição da região, né? Então faz o batismo na fogueira ali. A pessoa pode ser jovem, pode ser adolescente, pode ser criança, tudo, toda idade é batizada na fogueira, e o batismo pra nós é uma coisa assim, igual como se fosse o da igreja, né? Que é uma coisa assim de muito respeito, e é tratado mesmo como se fosse um batizado feito na igreja. Os padrinhos são padrinhos de verdade, os compadres se respeitam, e por aí por diante, é uma coisa.

Tanto compadre, tanta comadre? Uai! Eu acho que o compadre mais a comadre é uma pessoa que a gente respeita e quer muito bem, né? Então, eu acho que isso é uma amizade que a gente adquire e que só faz bem”.

“É bom, porque os compadres, eles sempre confiam mais, né? Por exemplo, se você vai pedir um favor pra um amigo, você prefere procurar o compadre, porque aquele laço de amizade da gente já é maior. Então, a gente confia que aquele compadre vai nos servir.

“É um compromisso, assim, de uma amizade mais profunda”

“ É tanto que você num convida qualquer pessoa pra batizar seu filho. Pra ser seu compadre, você primeiro verifica aquela amizade, tem amizade muitos anos, passa a conhecer como que é a natureza daquela pessoa, pra aí então convidar ele. Vamos dizer assim, você dá o seu filho pra ele batiza, aí então quer dizer que aquele laço de amizade já é uma coisa que já vem sendo analisada antes, entendeu? Então você, por exemplo, você apanha uma amizade com uma pessoa hoje, você, amanhã ou depois, você num dá um filho seu pra ele batizar, você vai estudar primeiro aquela amizade, até você passar a ter aquela confiança com aquela pessoa de amizade, e você fala não, fulano serve pra ser padrinho do meu filho” (dona Rosilda)

Considerações finais

Os assentados, independentemente das suas trajetórias e experiências anteriores ao assentamento ressocializaram-se ao aprenderem a construir a sua nova condição de existência: proprietários de terra voltada para a agricultura familiar .Esta pode propiciar, se a família do assentado produzir não só para a sua sobrevivência, a comercialização seus produtos. Como diz o senhor Albano: ”a parcela tem que ser empresa e a família tem que estar em cima”, pois há apoio do programa de reforma agrária governamental e a implantação da infra-estrutura, além das orientações técnicas oferecidas ao assentamento graças ao empenho reivindicatório dos protagonistas, sob a coordenação da Associação dos Pequenos Produtores do Rio Paraíso.

Lá, como acontece em outros assentamentos, foi reinventada uma sociedade (6), condizente com o modo de vida do agricultor familiar que combina concepções e modos de uso dos objeto modernos e tradicionais. Disto resultam traços das sociabilidades, digamos, mais apropriados

entre os sitiantes do passado, tais como: a amizade é valor primordial nas relações de vizinhança e de compadrio; a família é instituição necessária para a sobrevivência material e emocional dos seus membros, além de constituir importante rede familiar de solidariedades; o compadrio reforça e amplia os vínculos de amizade e de reciprocidades; o respeito à autoridade dos pais e dos avós; firmeza e clareza nas orientações para os comportamentos dos filhos; espera-se das jovens recato, sobretudo no namoro e, aos jovens em geral, é-lhes vetada manifestações afetivo-sexuais que envolvam intimidade conjugal .

Porém, há outros aspectos das sociabilidades que denotam uma maior atualização ao tempo histórico em que vivemos, dentre os quais destaco os seguintes: na família, nas relações entre os cônjuges há atualizações, emerge um novo relacionamento não mais baseado na submissão feminina de outrora, apesar da dominação simbólica masculina ainda vigente (7), participam em condições de igualdade com seus parceiros nas decisões familiares, no trabalho, no lazer etc.

Há uma prática do diálogo entre as gerações, não só a contagem das experiências dos mais velhos, mas conversas sobre questões pessoais, sobre a terra, sobre a sociedade em geral

Aos infantes é-lhes permitido discordar dos mais velhos, dar suas opiniões e fazer propostas.

Esta nova compreensão da convivência familiar conta com os subsídios vindos do grupo de jovens e do secretariado das mulheres, instâncias de discussão e elucidação de dúvidas e maneiras de proceder em relação à família, à vizinhança e à sociedade e consigo mesmos.

Não esquecer que nesta nova condição os assentados adquiriram ou resgataram uma dignidade perdida pelas provisoriades de suas vidas e uma autonomia, esta sim conquistada, para gerir os seus destinos. Ambas, por si sós, denotam a inserção dos assentados à nova sociedade reinventada por eles que, apesar das permanências de traços antigos, está atualizada para os embates do presente e do futuro.

Notas

- 1) Projeto coordenado pelo professor José de Souza Martins.
- 2) Martins, José de Souza (org.). Travessias – a vivência da reforma agrária nos assentamentos, Porto Alegre, UFRGS/NEAD/ 2003
- 3) Sobre os caipiras paulistas da década de 40, 50 e 60, respectivamente Cândido, Antonio: Os Parceiros de Rio Bonito, São Paulo, Duas Cidades, 1987; Fukui, Lia Fritas Garcia, Sertão e Bairro Rural, São Paulo, Ática, 1979
- 4) Sobre essa vertente da teoria feminista que aborda a igualdade qualitativa entre homens e mulheres na família: Quinteiro, Maria da Conceição, "Igualdade de Gênero na Família" Faces de Eva, Lisboa número 9, 2003
- 5) Em Sertão e bairro Rural, Lia Fukui também encontrou essas formas de batismo.
- 6) Martins, José de Souza: A Sociabilidade do Homem Simples. São Paulo, Hucitec, 2000. Ver especialmente o capítulo "As hesitações do moderno e as contradições da modernidade no Brasil", página 47.
- 7) Bourdieu, Pierre, A dominação Masculina, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998, ver o capítulo "Uma imagem Ampliada".

Referências Bibliográficas

CALDEIRA, Clóvis. “Mutirão, forma de ajuda mútua no meio rural”. São Paulo, Companhia editora Nacional, 1956.

BOURDIEU, Pierre A Dominação Masculina, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil ,1999

CÂNDIDO, Antônio. “Os parceiros do Rio Bonito”. São Paulo: Duas Cidades, 1987.

FUKUI, Lia Freitas Garcia. “Sertão e Bairro Rural”. São Paulo: Ática, 1979.

HELLER, Agnes. "Theory of needs revisited". (mimeo). Puc, São Paulo, 1992.

HELLER, Agnes. Sociologia de la Vida Cotidiana ,Barcelona, Península ,1991

MARTINS, José de Souza: A Sociabilidade do Homem Simples. São Paulo, Hucitec, 2000.

MARTINS, José de Souza, Reforma Agrária: o diálogo Impossível .São Paulo, Edusp, 2000

MEAD, George H. Espiritu, persona y sociedad ,Buenos Aires ,Paidós, 1972

QUEIRÓS, Maria Isaura Pereira . “Bairros Rurais Paulistas”.São Paulo, Revista do Museu Paulista, N.S., vol. XVII, pp 63-208, 1967

QUINTEIRO, Maria da Conceição “ Igualdade de Gênero na Família” Faces de Eva, Lisboa, número 9, pp59-66, Colibri/Universidade Nova de Lisboa, 2003